

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALEXANDER KLUGE: POR UM CINEMA IMPURO
21 de Julho de 2021

DIE PATRIÖTIN / 1979
(“A Patriota”)

Um filme de Alexander Kluge

Realização: Alexander Kluge / Argumento: Alexander Kluge, Christel Buschmann e Willi Segler / Direcção de Fotografia: Thomas Mauch, Gunther Horrmann, Werner Lüring e Jörg Schmidt-Reitwein / Montagem: Beate Mainka-Jellinghaus / Interpretação: Hannelore Hoger (Gabi Teichert), Dieter Mainka, Alfred Edel, Alexander von Eschwege, Beate Holle, Kurt Jürgens, Willi Muench, Marius Muller-Westernhagen, Günther Kreidel, Hans Heckel, Wolf Hanne, etc.

Produção: Kairos Film – ZDF / Produtores: Alexander Kluge e Willi Segler / Cópia: Digital, cor e preto e branco, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 117 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

“Nada mais resta senão os mortos”
(do diálogo do filme)

A História, quer a alemã quer a universal (se for possível separá-las ainda que apenas para facilidade de expressão), é um tema que percorre toda a obra de Alexander Kluge e frequentemente é o seu centro absoluto. O que também não quer dizer que os seus filmes sejam sobre o “passado”, porque em Kluge tende igualmente a ser indestrinçável a fronteira entre uma abordagem histórica do momento contemporâneo (a posição do observador, como é dito quase *ipsis verbis* na cena com o “peeping tom” espião de **Die Patriötin**) e uma abordagem contemporânea do tempo histórico, entendido na sua aceção mais convencional de algo que “já aconteceu”. Mas, se a História, em todas estas declinações e variantes, é central em Kluge, é-o igualmente a preocupação com as formas de contar a História. E este filme, **Die Patriötin**, é porventura o momento da obra de Kluge em que essa questão mais se explicitamente se põe, e onde tanto quanto a História, ou mais ainda, importa uma interrogação das formas de a contar.

Há várias vozes no filme, incluindo as vozes dos segmentos estritamente documentais (que são bastantes), mas as duas mais importantes são as da protagonista feminina (Hannelore Hoger), uma professora posta em movimento pela tomada de consciência de que “as formas disponíveis de contar a História são deficientes”, e a voz de um joelho, o joelho do cabo Wieland, um soldado alemão morto na batalha de Estalinegrado (o momento em que para a Alemanha, militarmente, a II Guerra Mundial deu para o torto e nunca mais se endireitou). Evidentemente, os discursos de ambas estas “vozes” (porquê o de um joelho? Porque é uma articulação, porque é a junção das partes superior e inferior da perna, porque é uma expressão do corpo humano e uma das coisas que se ouve dizer no filme é que a História deve ser uma história dos corpos humanos) são bastante diferentes: a primeira é mais analítica, como uma investigação, como, digamos, **Citizen Kane**; a segunda é mais romântica, ou mais fantasmática, é a voz dos mortos, como por exemplo **Sunset Boulevard**, e “os mortos sabem tudo” (curiosamente, no filme de Wilder o morto também é o “que sabe tudo”). Contar a História é contar a história dos mortos, até porque (outra vez *sic*) “a História nos vai matar a todos”. A dificuldade da professora é, portanto, estar viva, ainda não ter sido “morta pela História”, não ter tido acesso a esse momento terminal a partir do qual tudo se explica.

E, como está viva, tem à sua volta a Alemanha (Federal) do final dos anos 1970. Boa parte de **Die Patriötin** é, no sentido mais imediato do termo, registo de história contemporânea, “documentário”. Por exemplo, nas imagens de reuniões políticas, mais informais ou mais oficiais – como as cenas no que parece ser um congresso do SPD, onde figuram algumas das personalidades maiores da política da RFA como Helmut Schmidt e Willy Brandt. Entre os temas destas cenas “documentais” regista-se uma discussão sobre fontes de energia – o carvão ou outras mais modernas – e talvez não seja pura coincidência num filme tão preocupado com o “movimento” (e portanto com a “energia”) da História. Mas os políticos falam sobretudo do “futuro”, quer dizer, de apostas e de especulações, as formas de contar a História não são a sua preocupação; e num momento do filme evoca-se a decisão educativa de fundir o estudo da História e da Geografia numa disciplina chamada “Estudos Sociais” (deve ter sido moda na Europa toda, em Portugal também houve essa disciplina por essa época). O que também põe a questão do *interesse* em contar a História, porventura aludindo a essa grande dificuldade alemã de lidar com o passado recente, sobretudo com a história do nazismo, do III Reich, e das suas consequências. “É difícil contar uma versão patriótica da História alemã”, também observa a professora, e essa frase é outra das chaves do filme.

De certo modo, as inquietações da professora são respondidas por este filme. **Die Patriötin** é uma proposta, uma hipótese, de relato da História que ultrapasse as “deficiências” das formas disponíveis. Funde a história dos vivos com a história dos mortos – e aqui não é só a “voz do joelho”, mas os muitos pequenos apontamentos que contam histórias (de mortos) na sombra da “grande História”, seguindo aquele procedimento, tão típico de Kluge, de construir um filme como se ele fosse uma coleção de filmes curtos e uma longa-metragem pudesse conter várias identidades próprias (um pouco como aquele estranho desenho de uma vaca contendo dentro de si uma mulher que se vê lá para o final do filme). E, sobretudo, ilumina uma ligação entre a História e as narrativas, para concluir que todas as narrativas são “históricas” (o segmento dedicado à compilação de contos populares dos irmãos Grimm é magnífico na forma como implicitamente o afirma) e que, portanto, da História não se foge. E, sendo assim, não admira que Kluge não faça filmes sobre outra coisa, porque mesmo essa “outra coisa” conduziria inapelavelmente à História.

Luís Miguel Oliveira